

A FOLHA DE VILLA VERDE

REDACTOR PRINCIPAL—GASPAR LEITE

N.º 52

VILLA VERDE—DOMINGO 27 DE JUNHO DE 1886

ANNO II

Assignaturas pagas adiantadas—Anno 1\$500 reis.—Semestre 800 reis.—Anuncios da linha 40 reis, pagos antes da publicação do primeiro annuncio communicados 50 reis a linha. A correspondencia deve ser dirigida ao redactor principal, na sede da redacção em BRAGA, Campo de Sant Anna. Em VILLA VERDE. representante da empresa e responsavel—o sr. Manoel Joaquim Antunes.

VILLA VERDE—1886

A Dictadura

Entre as muitas folhas governamentais, que têm sabido magistralmente atassalhar os argumentos balofos da imprensa opposicionista, destaca-se soberbamente o nosso collega as «Novidades» do qual passamos a transcrever o seguinte artigo:

«A imprensa ministerial ficou assombrada com o artigo da «Revolução de Setembro» sobre dictadura. Assombrada! Nada menos do que isso. Dil-o a imprensa regeneradora. Por onde se confirma o que hontem escrevemos a respeito da paternidade do artigo. Foi o proprio Jove, Jupiter olympico, que do ampireo vibrou aquelle feixe de raios sobre o ministerio progressista. Não podia ser outra coisa.

Ora, adespito d'esse terrifico assombro, já hontem nos atrevemos a contestar a auctoridade moral do partido regenerador para condemnar dictaduras. Quem fez a reforma do exercito em dictadura, dois dias depois de encerrado o parlamento, tendo nelle enormes maiorias; quem levou o seu desprezo pelas regalias parlamentares até o acinte de só publicar em 1 de julho de 1882 o bill da indemnidade por uma dictadura tributaria, que se esgotára em 30 de junho, pôde falar de tudo, menos dos propositos, que tenha qualquer governo, de fazer dictadura sobre qualquer assumpto e em qualquer occasião. O paiz pôde, é certo, pedir contas por esse dictadura ao governo, que a assumir, e elle não poderá escusar-se a dar-lhas. Mas, felizmente, o partido regenerador não é o paiz. A's intimações carrancudas do partido regenerador basta responder com a recordação dos seus proprios feitos.

A questão magna é uma questão de guerra partidaria; e, n'esse ponto, o paiz está sufficientemente edificado. A lição de 1881 saiu-lhe cara. Sabe o que lhe custou o terse prestado aser instrumento passivo dos que entendem, que o poder lhes pertence por direito divino: e que Portugal é um logro-

doiro da tropa d'esses estadistas insoffridos. O paiz não torna a cair n'outra. A reforma do codigo administrativo toda a gente a pede, e todos os partidos a tem podido. Chegou aos ultimos extremos a anarchia financeira e tributaria, resultante da falsa descentralisação attribuida às corporações administrativas. Não ha hoje duas opiniões sobre tal assumpto. Pois os regeneradores fizeram agora reviravolta, e ameaçam com a guerra sem treguas, com a guerra feroz e intransigente, se o governo, attendendo as proprias reclamações d'elles, der satisfação immediata a essa urgentissima necessidade! Porque é esta reviravolta? Por amor ao codigo de 1878, unanimemente condemnado? E' por que a reforma do codigo importa necessariamente a eleição de novos corpos administrativos, e a modificação das tribunas, com que de longa data o facciosismo regenerador transformára os conselhos de districto em chancellas das suas tramoiarias partidarias. E' isto. Mas é precisamente isto uma razão a mais para não se dever demorar a reforma. O paiz tem sede de administração, e tem sede de justiça. Nenhum outro partido, além do regenerador, poderia governar, illaqueado pela rede das taes tribunas e corporações, que ella por uma demorada permanencia no poder, estendeu por todos os districtos. Uma das razões da prompta quebra, e que tao cara custou ao paiz, do ministerio progressista em 1881, foi essa. Pensavam acaso, que a lição não havia de ser aproveitada? O partido progressista seria mais do que imbecil, se a despresasse.

Se o governo está, como se diz, no proposito de aproveitar essa lição para normal dos seus actos, só temos a louval-o por isso. Essa lição, aproveitando a elle e ao partido que representa no poder, aproveitaria ainda mais ao paiz, que quer governação regular, e não exploração do poder por meio d'uma oligarchia oppressora e ruinosa. O poder não pôde ser morgadio de pessoa alguma, nem privilegio d'um só partido.

Outra consideração, e da mais alta importancia, exige a renovação das corporações administrativas. Tornou-a o sr. Fontes necessaria, inevitavel. Foi-lhe isso mesmo dito em tempo. Mas o illustre chefe do partido regenerador, obcecado pela preocupação de

tornar o governo impossivel, sem assentimento seu, a qualquer partido, não quiz attender as vozes da boa razão e do bom conselho.

Como é sabido, a parte electiva da camara dos dignos pares é só d'um terço. Na eleição, interveem, d'um modo bastante preponderante, as corporações administrativas. Quando se tratou das reformas politicas, d'essas famosas reformas, com que o ministerio regenerador inutilisou para o bem publico tres sessões legislativas, a opposição d'esse tempo pediu que ao menos fosse de metade a parte electiva da camara dos pares. Ponderou-se que, em virtude da situação especial, que o sr. Fontes creara para si e para o seu partido n'aquella camara, em resultado d'uma larga permanencia no poder, seria necessaria a renovação por metade para contrabalançar o desequilibrio existente na parte vitalicia d'aquella camara. Por isso mesmo, o sr. Fontes recusou-se a fazer a concessão. O que succederia amanhã ao ministerio, se deixasse em pé as actuaes corporações administrativas, quando o sr. Fontes se sentisse accommettido por um ataque mais forte de nostalgia do poder? Sofreria um cheque na camara dos pares, o qual, embora sem significação politica, tolheria a acção governativa; o governo dissolveria a parte electiva (50 pares) da camara; mas, tendo contra si as corporações administrativas, esse mesmo terço electivo lhe sairia em grande parte hostil. E o sr. Fontes poderia muito á sua vontade apertar a corda na garganta aos seus adversarios, e por essa mesma corda trepar de novo ao poder quando lhe fizesse arranjo.

E' isto admissivel? Quem ha ahi que aceite uma tal situação? Tudo isto foi visto e previsto. A renovação das corporações administrativas tornou se providencia absolutamente indispensavel, como corollario forçado do espirito acanhadamente faccioso, com que o sr. Fontes realisou a reforma da camara dos pares.

agradeço os delicados elogios, que se dignaram de fazer-me a proposito d'estas investigações.

Versa hoje o estudo sobre a antiquissima locução popular *Traz agua no bico*. N'este dizer do povo bem claras são, e sem corrupção todas as palavras, que o formam: de todos é sabido o sentido, em que se applica aquella phrase. Mas qual a relação de semelhança entre *trazer*, ou *levar agua no bico* e apparentar o desejo de uma cousa, quando, pelo contrario, outra é a cousa desejada?

Pretende alguém alcançar certo e determinado fim; mas em vez de claramente indicar o figura pretender cousa diversa, occultando a verdadeira intenção. Quando tal succede, diz se descoberto ou suspeitado o verdadeiro fim, *trazia agua no bico*.

Este homem, que faz uma tal proposta e porcede parecendo até prejudicar-se, não o faz de certo por tolo, *traz agua no bico*. Em summa, *trazer* ou *levar agua no bico* corresponde a *trazer* ou *levar pensamento occulto* (seja para bom, ou para mau fim), pen-

samento que só se revela no momento asado.

D'onde tiraria o povo este *semile*? Não me occorre outra origem, senão a observação do que se passa entre certos passaros e seus filhotes.

Muitas aves, especialmente os pombos, *trazem*, ou *levam no bico* para os filhotes, em cujo bico introduzem, o alimento e a bebida. Ninguem, senão no momento em que ellas fazem essa ingestão, percebe que tenham cousa alguma no bico.

Semelhantemente, um individuo *occulto* e *não deixa perceber a intenção que tem*; esconde o pensamento, como a ave traz ou leva occulto no bico para os filhotes a bebida e o sustento. Do mesmo modo, que ninguem sabe, nem percebe que o sustento e a agua estão occultos pelo passaro, assim tambem se ignora o pensamento d'aquelle que só o manifesta, quando julga chegada a oportunidade.

O *simile* refere-se unicamente ao facto de trazer alguém *occulto* o pensamento, como a ave traz occulto no bico o sustento; mui-

O artigo da «Revolução de Setembro»

Appareceu em um dos ultimos numeros da «Revolução de Setembro» um artigo, famoso pela forma como foi traçado, attribuido ao sr. Fontes, e que tem sido transcripto por grande numero de folhas regeneradoras, o que parece demonstrar que contem doutrina que esse partido *todo*, se elle ainda pôde tomar *toda* uma revolução qualquer, professa.

Vamos consubstanciar a doutrina do referido artigo:

«Não vale a pena discutir a inconstitucionalidade da dictadura. Todos a conhecem, e apesar d'isso todos os partidos a tem feito, em maior ou menor escala. As dictaduras só podem justificar-se á posteriori pelo acertado e opportuno das medidas que promulgam, pelos beneficios que d'ellas resultam e pela difficuldade de as fazer votar constitucionalmente, quaisquer que sejam os motivos que determinem essa difficuldade. E' por tal razão que em seguida a um movimento revolucionario, e em complemento d'elle, quando as paixões estão exaltadas, os partidos assumem a dictadura. Fora d'isso, apenas se podem citar varios casos em que o poder executivo tem promulgado actos d'aquella natureza, actos que são já do dominio da historia, e que a historia imparcial poderá julgar, quando tenham desaparecido da scena politica os que os praticaram e aquelles que os combateram.

Vemos, pois, que a «Revolução» justifica plenamente a dictadura porque—*todos os partidos a tem feito em maior ou menor escala*—e portanto seria para o actual gabinete uma excellente defeza se por acaso entendesse dever recorrer a tal expediente.

As dictaduras, conforme a opinião dos regeneradores, justificam-se pelo acertado e opportuno das medidas que promulgam e pelos beneficios que d'ellas resultam, quanto aos dictadores tem o direito de exigir que os seus actos não sejam apreciados antes de serem conhecidos, e que se não decida se foram ou não justificados sem se ter esperado pelos seus resultados.

No assumpto sujeito é esta, repetimos, a doutrina dos regeneradores a qual, embora mereça diversos commentarios que nos abstemos de fazer por falta de tempo e de espaço, não podemos deixar de mencionarmos.

E, note-se, n'este momento nem mesmo pretendemos investigar se a dictadura em que o ministerio Sampaio promulgou a lei de meios para 1881-1882, e a dictadura em

tas vezes tambem a applicação d'este dito popular se refere a um fim util, agradável, ou pelo menos inoffensivo, e então é de todo o ponto perfeita a analogia. Acho que os mais maliciosos, ao lerem estas curiosidades, não dirão que quando as escrevo *levo agua no bico*.

Razões de cabo de esquadra

Um cabo de esquadra é sem duvida alguma um homem, como outro qualquer: pode ter uma intelligencia acanhada, mediocre, e até sem ser milagre possuir um talento invejavel.

Mas porque teria ficado como anexim a phrase—*razões de cabo de esquadra*—para significar razões sem valor, insufficientes, argumentos de nenhum pas? Não ha quem, querendo menos prezar razões, que nada provam, não applique o ditado: *razões de cabo de esquadra*. Porque motivo só ao segundo

FOLHETIM

Locuções populares

Traz agua no bico

No estudo d'estas curiosidades instructivas não é meu intento, senão procurar a origem provavel de certas locuções, pelo povo sentenciosamente empregadas, nas quaes as palavras não indicam por sua significação, e muitas vezes pela sua corrupção, o sentido da phrase.

No numero de taes locuções estão aquellas, de que já tenho tratado; outras podem não ser claras; que as proprias palavras estão indicando o conceito n'ellas encerrado. Esta é a razão, porque deixo de satisfazer aos muitos pedidos, que a respeito de alguns proloquios me têm dirigido distinctos cavalheiros, a quem, aproveitando a occasião,

que o gabinete de 1883-1886 effectuou a reforma do exercito tem justificação possível.

Limitamo-nos tão sómente, como simples curiosidade, a expôr a summa do famoso e decantado—artigo da «Revolução de Setembro».

NOTICIARIO

Aniversario

Com a publicação do presente numero, entra o nosso modesto semanario no segundo anno da sua publicação.

Desde o seu apparecimento até hoje, tem sempre trilhado o caminho do bem, não arredando nunca do programma que se propoz cumprir, defendendo o que é santo e justo e condemnando friamente tudo o que é horrificante e mau.

Tem empregado todos os esforços ao seu alcance pelas melhoramentos d'este importante concelho, e continuará como até hoje a prestar todos os serviços, desde o momento que lhe não falte o apoio dos seus leitores.

Aos nossos collegas do jornalismo agradecemos a boa camaradagem que até hoje nos tem dispensado, assim como aos nossos subscritores a boa vontade que tem em nos coadjuvar, para que esta empresa prospere de dia para dia.

Numero Apostolico

Na passada quinta feira, cerca das 7 horas da tarde, passou a esta villa vindo dos Arcos em direcção a Braga, o exm. revm. sr. Vicente Vanutelli, arcebispo de Sardia e Nuncio Apostolico de Sua Santidade n'este reino.

Era acompanhado pelo seu secretario monsenhor Guidi e pelos srs. viscondes da Torre e de Negrellos, que acompanharam sua exc.ª em toda a excursão pelo Minho.

Guardando o sr. Nuncio na sua passagem aqui um absoluto incognito, não puderam as autoridades administrativas e corporações officiaes prestar a sua exc.ª as devidas honras, como, certamente, todos desejavam.

A maior parte das pessoas d'aqui ignoravam até a vinda de sua exc.ª, e se d'ella tivessem conhecimento teriam procurado associar-se ás demonstrações de sympathia e respeito, que em toda a parte recebeu o illustre diplomata.

Houve porém umas freguezias d'este concelho onde constou da vinda de sua exc.ª, e que se reuniram no lugar da Portella (extremidade do concelho) festejando abri d'uma maneira altamente sympathica a honrosa visita do representante do Pontifice.

Lamentamos que a falta de espaço e de tempo não nos permita occupar-nos detalhadamente d'esses festejos, cuja iniciativa e direcção pertencem ao nosso respeitavel amigo o sr. conego Sousa de Menezes, um dos mais antigos e considerados parochos d'este concelho.

Diremos apenas que no animo do sr. Nuncio ficou d'elles e do seu promotor a mais grata impressão, manifestando sua exc.ª ás pessoas que o acompanhavam o seu reconhecimento pelo modo brilhante como fóra recebido pelos parochos e freguezes das freguezias limitrophes do concelho—com musiacas, procissões, foguetes, entusiasticos vivas e uma bella allocução pronunciada, em nome

do clero, pelo dignissimo conego abade de Penascoas, a quem os seus freguezes numerosos amigos das parochias limitrophes deram, por aquella occasião, mais um testemunho do muito respeito e estima que lhe dedicam.

Monsenhor Vicente Vanutelli sendo uma d'essas physionomias sympathicas que tem o condão d'encantar logo ao primier abord, sendo d'uma affabilidade e lhanza extraordinarias, em todas as partes que percorreu fez uma larga colheita de sympathias que difficilmente esquecerão, sendo muito victorioso e festejado em todas as localidades onde esteve.

EM BRAGA

Pela proximidade d'esta villa áquella cidade e pelas descripções dos nossos collegas d'ali ja os nossos leitores tem conhecimento das festas e recepção com que ali foi acolhida a honrosa visita de sua exc.ª, não nos demoraremos pois com essa descripção, passando a relatar a recepção que sua exc.ª teve

EM VIANNA

A qual foi magnifica e como nunca ali houve igual.

Sua exc.ª chegou, vindo de Braga, no comboio correio das 11 horas da manhã, acompanhado pelos srs. Guidi, secretario da nunciatura, governador civil Rocha Páris, secretario do exm. arcebispo primaz dr. Campos, presidente da camara de Braga dr. José Borges, abade de Maximinos, visconde de Negrellos, dr. Pereira Caldas, conego Barroso, correspondente do «Commercio do Porto», etc., vindo todos em carruagem a lão.

Na gara aguardavam o comboio milhares de pessoas, o regimento d'infanteria 3 e respectiva banda, governador civil substituto, camara, arcebispo com todo o clero, generaes da divisaõ e brigada, autoridades civis e judiciaes, associações, ayllas, vice-consules, titulares, grande quantidade de senhoras, etc., etc.

N'uma das salas da estação, galbardadamente ornamentada, e sob um docel de damasco, recebeu sua exc.ª os cumprimentos de todos quantos lhe foram apresentados pelos srs. governador civil e visconde da Torre, e, agradecendo tão esplendida manifestação, dirigiu-se á igreja matriz, onde foi cantado um «Te-Deum», a que assistiram muitas pessoas de apresentação official, senhoras, e povo, lançando a. exc.ª rev.ª a bênção e concedendo indulgencias. Em seguida dirigiu-se ao Hotel Central onde o sr. Rocha Páris, lhe offerceu um esplendido jantar, cujo menu era o seguinte:

Consommé de legumes a l'Imperiale.
Petits patés aux haitres.
Saumon et lamproie.
Morue a la Portugaise.
Filets de poisson a la Marechal.
Mayonnaise d'Homard.
Vol aux vents d'anguilles a la Reine.
Rouget aux asperges.
Poisson roti a la Conde.

DESSERT

Puding a la Brezilienne.
Charlotte au Chantilly.
Petits fours variés.
Fruits.
Bonbons, etc.

VINS

Collares—Sauterne—Champagne—Porto—Madeira.

Para esse almoço fez o sr. Rocha Páris distribuir profusos convites, de caracter official, estendendo os ás pessoas que de Braga acompanharam a. exc.ª.

O lugar de honra era occupado por monsenhor Vanutelli.

Ao lado direito de s. ex.ª tomaram logar os srs.:

Manuel José Gavinho, governador civil em exercicio; Ernesto Julio Gues Pinto, deputado pela circulo de Vianna, e presidente da Associação dos Artistas; Thiago Ricardo de Sousa, general de divisaõ, José Justino de Pina Vidal, commandante militar, e coronel commandante da infantaria 3; rev.ª Sr. Oliveira Guimarães, abade de Maximinos (de Braga); dr. Pereira Caldas (de Braga); dr. Damião Paulo de Brito Amorim, provedor da Misericordia; José Pereira de Campos, administrador do concelho substituto; José Roldão Ramiro Lobo, chefe de districto da guarda fiscal; dr. José Mendes Norton, delegado de saúde, e presidente do Ayll de Meninas Orphãs; José Maria Caldeira, director e proprietario do «Imparcial».

A' esquerda de s. ex.ª os srs.:

Dr. José Malheiro Raymão, presidente da camara municipal; dr. Manoel da Silva Vianna, arcebispo do jugado; João Thomaz da Costa, director das obras publicas, vice superior da Caridade e presidente da Associação dos Bombeiros Voluntarios; visconde da Carreira; Francisco José Roma, general de brigada; dr. José Alfredo da Camara Lima, conservador da comarca; rev.ª José Maria de Barros, prior de Mouserrate e conego honorario; Manuel Sara de Faria, commandante (2.ª) dos Bombeiros Voluntarios; rev.ª Pedro Affonso Ribeiro, parochia de Santa Maria Maior; dr. José Borges de Faria, presidente da camara de Braga, e deputado da nação; dr. João Affonso de Espargueira, presidente da comissão antipolítica do districto, e redactor da «Aurora do Lima».

Em frente do nuncio o sr. conselheiro Alberto da Rocha Páris, tendo á direita monsenhor Guidi, secretario particular do Nuncio; e os srs.: Antonio Pinto d'Araujo Correia, presidente da comissão executiva, delegada da junta geral; dr. José Augusto Lopes da Silva, secretario geral do districto; Thomaz R. Gonçalves Vianna, director da alfandega; João Caetano da Silva Campos, presidente do Ayll de Infancia Desvalida; rev.ª José N. da Costa, prior da Ateosa, e conego honorario; Delfin Amancio Martins, director telegrapho-postal do districto.

A' esquerda, os srs.: Secretario e representante de s. ex.ª o Arcebispo Primaz; dr. Diogo de Gouveia, juiz de direito da comarca; Antonio da Silva S. Miguel, presidente da Associação Commercial; rev.ª Candido Caetano da Silva, abade de Perre, e capellão honorario da casa real; D. Antão Vaz d'Almada, chefe de districto, adido; rev.ª Antonio Joaquim do Rego, abade de Ancora, e conego honorario; rev.ª Barroso, capellão de infantaria 3, de Braga; visconde de Negrellos (de Braga)

Nos topos da mesa: dr. Luiz Augusto de Amorim, administrador do concelho; visconde da Torre.

Não puderam comparecer os srs.: conselheiro Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes, par do reino, e ministro d'estado honorario (ausente); general reformado Tristão; J. A. Pereira Gonçalves, delegado do thesouro (ausente); dr. Fernando Zanith.

reitor do lycen; dr. Thomaz Meira, guardamór de saúde; Eduardo de Sousa, capitão do porto.

Eis a nota dos brindes feitos:

Do sr. Rocha Páris, a S. Santidade o Papa Leão XIII;

Do Nuncio, agradecendo e brindando a S. M. El-Rei e familia real;

Do sr. Gavinho, agradecendo e brindando ao Nuncio;

Do Nuncio, agradecendo e brindando á cidade de Vianna;

Do presidente da camara, agradecendo e brindando ao sr. Rocha Páris.

O sr. Rocha Páris, brindando aos srs. Gavinho e arcepyreste, agradecendo-lhes quanto se haviam empenhado na recepção feita ao Nuncio.

Seguiram-se outros brindes dos srs. Pina Vidal, Gues Pinto e conego Barroso ao sr. Vanutelli, do sr. arcepyreste a monsenhor Guidi, e u'este ao clero portuguez, e por ultimo brindou o sr. João Caetano da Silva Campos ao Nuncio.

A ornamentação da sala era singela mas elegante, e de um bello effeito. Formosissimas plantas de estufa guarneciam a mesa, e em todo o conjuncto de adorno notava-se apurado bom gosto.

Terminado o almoço, o nobre viajante, acompanhado de todas as pessoas que a elle assistiram, dirigiu-se ao templo de S. Domingos, a fim de visitar e tumulo de D. fr. Bartholomeu dos Martyres.

A' porta da igreja foi a. exc.ª recebido pelo digno parochia o sr. conego prior José Maria de Barros.

Monsenhor Vanutelli, depois de breve oração, examinou attentamente o tumulo, viu ligeiramente alguns documentos que se referem ao glorioso arcebispo, reservando-se para mais tarde ver mais attentamente tudo quanto possa concorrer para sollicitar a canonisação do illustre prelado portuguez.

Do tumulo seguiu a. exc.ª para a sacristia, sendo lhe muito agradável o estado de accio em que encontrou todo o templo.

Seguidamente á visita a S. Domingos, toda a comitiva acompanhou monsenhor Vanutelli a um passeio pela cidade, seguindo pelo campo d'Agonia, e depois percorreram algumas ruas da cidade, caes, a fim de o illustre visitante ver a ponte metalica, recolhido pela rua da Baudeira ao hotel.

Durante esta digressão tomaram logar na carruagem de s. ex.ª os srs. Rocha Páris, Gavinho e visconde da Torre.

Cerca das 5 horas, depois de fazerem as suas despedidas os srs. Rocha Páris, dr. José Borges, o illustre secretario do sr. arcebispo, e mais pessoas vindas de Braga, que todas ali regressaram ao comboio da tarde, monsenhor Vanutelli subiu novamente á sua carruagem, e, acompanhado por quasi todas as pessoas que haviam assistido ao almoço, partiu em direcção aos Arcos. Na carruagem de s. ex.ª tomaram logar os srs. viscondes de Negrellos e da Torre, e Gues Pinto. O sr. Gavinho, ligeiramente incommodado, foi obrigado a recolher-se a casa.

Chegada a comitiva ao extremo do concelho e começo do de Ponto do Lima, onde se achavam o administrador, camara, autoridades e empregados judiciaes, visconde da Aurora, arcepyreste e membros do clero, etc., etc., e feitas as despedidas, regressaram a Vianna os cavalheiros que durante algumas horas tiveram a honra de acompanhar o illustre viajante.

posto do exercito caberia um tal menos-prezo?

Não o dizem os livros; examinemos portanto as tradições, que são livros fallantes, embora muitas vezes, como os outros de letra de fôrma, sejam tambem peccantes.

Devo aqui emendar a mãe: os livros explicam a locução, mas de um modo que me parece inaccessivel. Fr. Domingos Vieira no seu «Thesouro da Lingua Portugueza» diz que as locuções—esta e de cabo de esquadra; são rasões de cabo de esquadra—provêm de serem os cabos de esquadra officiaes de bem pouco saber, mas ja com fumes de commando.

Formal explicação de erudito philologo, com quem não posso concordar; nem tão pouco os cabos de esquadra, que decerto não devem ficar satisfeitos com um tão desagradavel juizo. A mim parece-me que esta explicação é que se póde tambem chamar de cabo de esquadra.

Vejamos entretanto qual a origem, senão verdadeira, pelo menos plausivel.

Contou-me um soldado, já octogenario, e

reformado, que um rapaz ouvira de outro soldado, tambem muito velho, o caso, que deu occasião a este rifão.

Pela projecta idade do segundo narrador não se lembrava este do nome dos personagens; circumstancia pouco intressante para o nosso fim.

Havia um cabo de esquadra, que, ou por falta de merecimento, ou por infelicidade, marcava passo havia muitos annos n'aquelle posto.

Perdida quasi a esperanza de subir o degrau immediatamente superior, diziam-lhe muitas vezes por gracejo os camaradas:

—Este cabo é duro, não entorta, nem se quebra.

Tenho muita honra em ser cabo de esquadra; cumprio os meus deveres e faço o meu serviço melhor do que outros, era sempre a resposta do cabo, carregando o sob'r'olho, quando não ia ás do cabo, se continuavam a zombar d'elle.

Entre os officiaes um, que era amante da poesia, costumava, quando estava de bom hu-

mor e encontrava o tal cabo, repetia-lhe parodiada a oitava de Camões:

«Eu sou aquelle velho e triste Cabo,
«A quem chamaes vós outros Cabo Eterno:
«Que nunca a Forriel nem o diabo
«Podera promover no fundo inferno.»

Mas succede que em certo dia, quando elle menos esperava, sahe o diabo de traz da porta; e ao cabo de tantos annos é o cabo promovido a forriell... Espanto e alegria geral! O novo forriell não cabia em si de contente; quasi que outra cousa não fazia, senão mirar, como um nainorado, as honrosas divisas. Investido da autoridade que lhe dava a nova posição, tratou logo no mesmo dia de dar um sem numero de ordens, que deviam ser cumpridas pelos cabos de esquadra.

Zeloso da disciplina, e mais que tudo desejoso que lhe fosse prestada a devida obediencia, notou que algumas das suas ordens não tinham sido rigorosamente executadas por um dos cabos. Com o garbo e arrogan-

cia propria do seu genio marcial, buscou sem demora indagar porque não haviam sido fielmente cumpridas as ordens por elle dadas.

Um soldado, a quem se dirigiu para perguntar o motivo de tal omissão, respondeu-lhe:

—O cabo disse que foi por certas rasões...

—Que rasões? que rasões? interrompeu logo cheio de colera o forriell.

—As rasões... as rasões... foram, ia continuando o soldado, quando o forriell atalhou:

—As rasões foram, e são rasões de cabo de esquadra.

Cadetes e officiaes, que presenciaram a scena, ouvindo o forriell redicularisar assim o cabo de esquadra, posto em que servia por ongos annos, e que ainda ha poucas horas havia deixado, riram-se a bandeiras depregadas, e foram repetindo a phrase, que de bocca em bocca tem atravessado as idades, e se perpetuou como annexim.

Esta vae por conta do velho soldado.

Dr. Castro Lopes.

EM PONTE DO LIMA

S. ex.^a percorreu a pé algumas das ruas da villa e não querendo utilizar-se de um copo de agua que lhe foi offerecido pelo nobre visconde da Aurora, seguiu jornada, acompanhando por as auctoridades até ao concei- lho da Ponte da Barca.

EM PONTE DA BARCA

Esperavam a. ex.^a no extremo do concei- lho, as auctoridades, camara, ecclesiasticos e grande numero de cavalheiros, sendo lida uma felicitação pelo revd.^o arcepyrote do jelgado e sendo a. ex.^a acolhido na passa- gem pelas diferentes freguezias com musica e foguetes, e ainda mais na villa por onde passou em direcção aos Arcos.

NOS ARCOS

Foi muito festejada a chegada de a. ex.^a que foi já de noite. A villa estava illumina- da, subindo ao ar muitos foguetes, e tocando varias philarmonicas.

O sr. Nuncio, o seu secretario, e os srs. viscondes da Torre e de Negrellos, hospede- ram-se em casa do sr. visconde de Rio Vez sendo abi bizarramente recebidos.

No dia seguinte o exc.^o Nuncio disse missa na capella da casa, e depois de jantar, seguiu para Braga, acompanhado por aquelle cavalheiro, sendo esperado nas proximida- des de Braga pelo exc.^o viscondessa da Torre, e pelos exc.^{os} srs. governador civil, presidente da camara, secretario do exc.^o arcebispo primaz e arcepyrote Morei- ra Guimarães, dirigindo-se ao Paço Archie- piscopal onde o sr. arcebispo offereceu ao exc.^o Nuncio uma refeição a que assistiram os srs. viscondes da Torre e de Negrellos, dr. Messias Fragoso e secretario do exc.^o arcebispo.

No dia seguinte partiu de madrugada pa- ra Lamego, sendo acompanhado a Ermezi- de por alguns cavalheiros.

Enferme

Em consequencia d'um ataque cerebral de que ha dias fora acometido, tem passa- do bastante encommoado o nosso presado amigo o sr. Manoel Joaquim Antunes, bem conhecido negociante d'esta villa e actual- mente representante da nossa folha.

Faremos votos para que dentro em bre- ve o vejamos restabelecido completamente.

Festividade em Lanhas

No dia 29 do corrente festeja-se, na sua capella, na freguezia de Lanhas, o Se- nobor d'Afflicção, com missa cantada a ins- trumental, e sermão sabido de tarde uma pomposa procissão da mesma capella á de S. Geraldo.

Na vespera haverá em frente da mesma capella uma variada e escolhida illumina- ção, fogo do ar e preso, e duas bandas de musica executarão lindas e excellentes pe- ças dos repertorios de seus directores.

Será orador o virtuoso fr. Antonio José das Neves Rocha, da freguezia de Covas.

ANNUNCIOS

EDITAL

(63)

A Camara Municipal do concelho de Villa Verde:

Faz saber que, estando auctori- sada a contrahir, por meio de emis- são de duzentas obrigações de reis 50\$000 cada uma, um empréstimo de 10:000\$000 réis para as obras da estrada concelhia n.º 24, lanço da Poça Longa a Valdeu, acceita durante o prazo de vinte dias conta- dos da dacta d'este, na secretaria da mesma camara, quaesquer propo- stas em carta fechada tendentes ao dicto empréstimo, cuja taxa de juro não poderá exceder a 6, 5 0/10 ao anno.

Os juros do empréstimo serão pa- gos semestralmente pela receita ge- ral do municipio, e a amortisação que realizar-se-ha annualmente, por sorteio, no mez de dezembro de cada anno, será de dez obrigações e pa- gar-se-ha pela receita especial de viação.

E para que chegue ao conheci-

mento de todos, zssim se faz pu- blico.

Villa Verde 23 de junho de 1886. E eu, Antonio José d'Araujo Pimen- tel, escrivão da camara, o subscrevi.

O presidente

Manoel Francisco Soares Noqueira.

Comarca de Villa Verde

ARREMATACÃO

No dia 4 de Julho proximo, ás 10 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça, d'esta co- marca, por virtude da execução que Manoel Joaquim Fernan- des, da freguezia de Móz, d'es- ta comarca, move contra Anto- nio de Sousa, e mulher Anna da Motta, da freguezia de S. Paio do Pico, se hão de arre- matar os bens seguintes:

Um alambique de cobre e seus aprestos, em 35:000 rs.

Um dornão arcado de pau, em 8:000 rs.

Tres pipas arcadas de pau e ferro, em 6:000 rs.

Tres caixas de madeira de castanho e pinho, em 1:600 rs.

Um espigueiro de balaustres, em 19:000 rs.

1.738 litros 846 mililitros de milho grosso, em 30:900 rs.

Casa e eido da vivenda, que se compõe de sallas, alcôvas e lojas, coberto da eira e casa de moinho e alambique e terra lavradia, vidonho e arvores de fructo, com um pedaço de terra junto á casa do moinho, em 536:000 rs.

Campo da Fonte, de lavradio, vidonho, com agua de lima e rega, em 240:000 rs.

Campo do Barreiro, de lavradio e vidonho, em 272:000 rs.

Campo do Moinho, de lavradio e vidonho, com agua de lima e rega, em 340:000 rs.

Campo de Móbrem de baixo, de lavradio e vidonho, com agua de lima e rega, em 304:000 rs.

Leira cumprida do Agoeiro, de terra lavradia e vidonho, no valor de 96:000 reis.

Campo da Costa, de lavradio e vidonho, com agua de lima e rega, em 120:000 rs.

Leira do Chouzo, de lavradio e vidonho, matto e lenha, em 204:000 reis.

Leira da Chão e Cascalheira, de lavradio e vidonho com agua de lima e rega, em reis 148:000.

Campo e bouça de Móbrem, de lavradio e vidonho, com agua de lima e rega, em 210:400 rs.

Leira de Móbrem, de lavradio e vidonho, com agua de lima e rega, em 155:000 reis.

Campo da Veiga de Dentro, de lavradio e vidonho, em reis 240:000.

Leira do Enxurreiro, na veiga do Coral, de lavradio e vi- donho, em 54:000 reis.

Leira na veiga do Coral, de lavradio e matto, em 39:800 rs. Leira na veiga do Coral, de lavradio, arvores de fructo e matto, com abatimento do fôro, em 20:000 reis.

Leira no mesmo sitio, de lavradio e arvores de fructo. em 8:000 reis.

Bouça ao pé do portal, de matto e lenha, em 50:000 reis.

Bouça no monte da Reborê- da, de matto e lenha, em reis 20:000.

Leira de terra lavradia com vidonho, no ribeiro de Silvares, em 124:000 reis.

Leira de lavradio e vidonho, em 96:000 reis.

Bouça de matto e lenha, nas Abobreiras, em 142:000 reis.

Todas estas propriedades são situadas na freguezia de S. Paio do Pico, menos a ultima que é situada na freguezia de Móz. Pelo presente são citados todos os credores incertos para assis- tirem á arrematação e aos mais termos da execução, sob pena de revelia.

Villa Verde 8 de Junho de 1886.

O escrivão

Gaspar Augusto Telles.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Magalhães.

(53)

Comarca de Villa Verde

EDITOS DE 30 DIAS

Por este juizo e cartorio do escrivão Duarte em inventario orfanologico por obito de Do- mingos Francisco, da freguezia de S. Martinho de Valbom, cor- rem editos de 30 dias nos ter- mos e para os fins do §§ 3.º e 4.º do art. 696 do Cod. do Proc. Civil.

Villa Verde 17 de Junho de 1886.

O escrivão.

Gaspar Augusto Telles.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Magalhães.

(61)

Comarca de Villa Verde

EDITOS DE 30 DIAS

Por este juizo e cartorio do escrivão Telles em inventario orphanologico por obito de José Dias Lopes, da freguezia de Santa Marinha de Oriz, d'esta co- marca, correm editos de 30 dias nos termos e para os efeitos dos §§ 3.º e 4.º do art. 696 do Cod. do Proc. Civil.

Villa Verde 22 de Junho de 1886.

O escrivão

Gaspar Augusto Telles.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito

Magalhães.

(60)

Comarca de Villa Verde

EDITOS DE 30 DIAS

Pelo juizo de direito da co- marca de Villa Verde e carto- rio do escrivão do primeiro of- ficio Duarte, correm editos de trinta dias citando o coherdeiro Bento, ausente em parte incerta no imperio do Brazil, e quaes-

quer credores e legatarios e herdeiros desconhecidos e resi- dentes fóra da comarca, para deduzirem seus direitos no in- ventario a que orphanologica- mente se procede por obito de Anna Ferreira, viuva, moradora que foi no lugar do Casal fre- guezia de Cabanellas, d'esta co- marca, sem prejuizo do seu re- gular andamento.

Villa Verde 17 de junho de 1886.

O Escrivão

Gaspar Augusto Telles.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Magalhães

(59)

Comarca de Villa Verde

EDITOS DE 30 DIAS

Pelo juizo de direito da co- marca de Villa Verde e carto- rio do escrivão do segundo of- ficio Telles, correm editos de trinta dias citando quaesquer credores e legatarios e herdei- ros desconhecidos e residentes fóra da comarca, para deduzi- rem seus direitos no inventario a que orphanologicamente se procede por obito de Manoel Fernandes, morador que foi no lugar de Santo André, da fre- guezia de Moure d'esta comar- ca, sem prejuizo do seu regular andamento.

Villa Verde 18 de junho de 1886.

O escrivão

Gaspar Augusto Telles.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Magalhães

(62)

Comarca de Villa Verde

ARREMATACÃO

Pelo juizo de direito da co- marca de Villa Verde e carto- rio do escrivão Machado, se tem de proceder á arrematação em hasta publica, no dia 4 de julho proximo, por 10 horas da manhã e á porta do tribu- nal d'este juizo, das terras dos Postos, com uma côrte coberta de colmaço, de lavradio e vi- donho, com oliveiras, sita nos limites da freguezia de Duas Igrejas, no valor de 136\$000.

A terra da Moéga de Cima, de lavradio e vidonho, com agua de lima e rega do ribeiro da Moéga, sita nos limites da fre- guezia de Sampaio d'Azões, no valor de 50\$000 reis, pertencentes ao casal do finado An- tonio Pereira, casado, morador que foi na freguezia dita de Duas Igrejas, as quaes entram, digo, entram por metade do seu va- lor, que é os acima indicados.

Pelo presente são citadas to- das as pessoas credoras para os devidos efeitos.

Villa Verde 25 de junho de 1886.

O escrivão

Gregorio de Carvalho Osorio Machado.

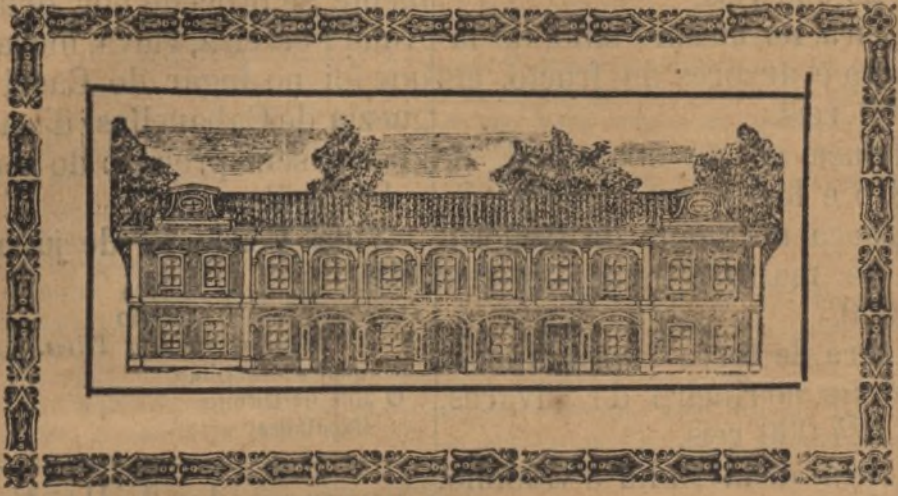
Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

Magalhães.

(58)

BOM JESUS DO MONTE



HOTEL DO PARQUE

Proprietario, Manoel Ribeiro de Carvalho Junior

A este hotel pertence o novo CHALET a melhor e mais bem situada casa d'este Sanctuario.

SERVICO DE PRIMEIRA ORDEM

SALAS DE BILHAR E DE LEITURA

CASA DE BANHOS

MAGNIFICOS TRENS PARA ALUGAR

Todo o hospede que assim o prevenir, terá na estação do caminho de ferro um carro para lhes conduzir as suas bagagens.

MENÇÃO HONRADA
na Exposição
Universal Internacional
PARIS 1875



Semolina

NOVO ALIMENTO RECONSTITUINTE
COMPOSTO PELOS
RR. PP. TRAPEIROS do Mosteiro de PORT-DU-SALUT

Os principios reconstituintes da Semolina são obtidos ao mesmo tempo pela porção cortical dos melhores cereaes, e dos saes naturais do leite de vacca não tendo soffrido alteração alguma.

Creou-se apparatus especiaes muito aperfeicoados, tanto para evaporar o soro do leite e mistural-o com a farinha, como tambem para dar a esta mistura a forma de grãos que a torna mais facil de ser empregada.

Este excellente producto é recitado pelas sumidades medicas ás pessoas fracas, aos Convalescentes, ás Crianças, ás Amas do leite, ás pessoas que tem o estomago cansado, o Peito debilitado e a todas aquellas de constituições delicadas, com a certeza de dar-lhes um remedio efficaz.

PREÇO DE CADA LATA : 3 FR. 60

Deposito Geral:
PARIS
2, r. O'S Lions-St-Paul

IMPRENSA COMMERCIAL

24—RUA NOVA DE SOUSA—24

BRAGA

N'esta imprensa accitam-se todos os trabalhos concernentes á arte typographica e executam-se com promptidão e nitidez, para o que tem pessoal competentemente habilitado e variadissimos e modernos typos, tarjas e vinhetas, fazendo-se as impressões a preto, ouro ou côres, conforme a vontade do freguez.

Preços convidativos.

Affecções Rheumaticas

MOLESTIAS REBELDES DA PELLE
INFARTES, ESCROFULAS
VICIOS
DO SANGUE

e todos os accidentes provenientes da Molestia contagiosa (syphilitica) recente ou antiga e rebeldes á qualquer outro tratamento
CURADOS SEGURO E RADICALMENTE PELOS
UNICOS VERDADEIROS

GRAGEAS E XAROPE DEPURATIVOS IODURADOS do D^r GIBERT

Approvada pela Academia de Medicina de Paris e autorizada pela Junta de Hygiene do Brazil.

As Affecções rheumaticas e sobretudo as Molestias da Pelle e os Vicios do Sangue, se manifestam sempre sob formas tão desagradaveis e algumas vezes são tão rebeldes que sempre procurou-se remedios capazes de cural-as rapidamente.

Primitivamente recorria-se aos meios empiricos, tão absurdos como perigosos; depois, pouco á pouco, foram elles substituidos pelo uso dos simplicis ou dos vegetaes. O doente absorvia grande quantidade de liquidos sempre desagradaveis e se effeitos favoraveis se davam, eram elles principalmente devidos ao regimen severo e prolongado á que se submettiam os doentes e ao qual, as mais das vezes, só resistiam aquelles que erão dotados de constituição robusta.

Todas estas panaceas foram pouco á pouco substituidas pelas preparações concentradas e mais racionais como

ELIXIRES, ROBS, etc.

mas que nem sempre possuíam as propriedades que se lhes attribua, razão pela qual cabiram, quasi todas, no esquecimento.

A chimica moderna, deitando por terra todas as theorias antigas, proporcionou á arte de curar immenso progresso e fê-la chegar, em pouco tempo, ao lugar que hoje occupa.

Em 1841, o D^r GIBERT, Membro da Academia de Medicina de Paris, Medico-Chefe do Hospital Saint-Louis, em collaboração com o Sr^r BOUTIGNY, Pharmaceutico, substituiu todas as antigas preparações pelo Xarope que traz actualmante o seu nome:

Xarope Depurativo iodurado do D^r Gibert.

Os effeitos maravilhosos que obtive foram confirmados, successivamente, desde então nos entros Hospitales de PARIS e nos de LONDRES, NEW-YORK, RIO-DE-JANEIRO etc.

O XAROPE DEPURATIVO do D^r GIBERT é da composição sempre identica, facil de tomar e emprega-se em muito pequenas doses.

É o Depurativo mais activo e economico de todos os depurativos conhecidos. Convém á todas as edades e temperamentos dos dois sexos.

AS GRAGEAS DEPURATIVAS IODURADAS do D^r GIBERT encerram exactamente todos os principios activos do Xarope — Em muito de seu pequeno volume são extremamente facis e agradaveis de tomar e convém especialmente ás Senhoras, ás pessoas que visjam ou cujas occupações obrigem á comer lãra de casa e ás que procuram um tratamento discreto.

Vêr a Noticia que acompanha cada frasco.

Cumpra desconfiar das numerosas Falsificações e Imitações e exigir alem das assinaturas em frente, impressas com tinta vermelha, o Sello do Governo francez, impresso com tinta azul sobre o rotulo de envoltoria de cada frasco

PARIS, 31, RUA DE CLÉRY E RUA POISSONNIÈRE, 2, PARIS
E EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS.

Novo apparatusinho continuo muito barato MEDALHA DE OIRO NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE 1878 APPARELHOS CONTINUOS

Para a fabricação de bebidas gazosas
Agua de Seltz, Limonadas, Soda-Water, Vinhos espumosos, cervejas
Os unicos que são prateados por dentro



Os siphões de grande e pequena bomba são solidos e de facil limpeza

J. HERMANN-LACHAPPELLE
J. BOULET & C^o Succesores Engrahelmas Constructores
RUA BOINOD, 31-33 (Boulevard Ornano 4-6) PARIS
Remessa franqueada do prospecto detalhado